

# Resenha

## Judith Butler: Filósofa da vulnerabilidade

### Samara Almeida de Oliveira

Mestranda em Educação pela UFSJ  
Bolsista UFSJ  
samarasolivera1804@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-3617-4750>

Resenha de DEMETRI, Felipe. *Judith Butler: Filósofa da vulnerabilidade*. Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

A obra *Judith Butler: Filósofa da vulnerabilidade* escrita por Felipe Demetri, mestre e doutorando em psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, se configura como uma iniciação ao pensamento da filósofa americana cujas discussões sobre gênero, reconhecimento e precariedade da vida têm contribuído para reflexões contemporâneas no campo da filosofia política e ética.

O livro, que tem sua origem na dissertação de mestrado do autor, foi publicado em 2018 pela editora Devires e se desenvolve através de uma leitura que segue a ordem cronológica da obra de Judith Butler. Nesse sentido, a partir de uma investigação sobre a teia estrutural em que se organizam as concepções da filósofa, Demetri elege o conceito de vulnerabilidade como chave de compreensão de sua obra.

A partir de então, o autor busca provocar novas inquietações ao relacionar o tema da vulnerabilidade, amplamente explicitado por Butler, à realidade nacional brasileira marcada pela precarização de determinadas vidas. Para tanto, o texto é dividido inicialmente em duas partes, a primeira intitulada *Sujeito e poder; performatividade e linguagem*, e a segunda *Precariedade e política; ética e despossessão*. Antes, porém, de dar encaminhamento à análise da obra de Judith Butler, o livro apresenta um prólogo no qual o autor introduz o tema a partir de uma reflexão sobre a violência cometida contra determinados grupos no Brasil, como travestis, transexuais etc., reflexo do que há muito Butler vem nos dizendo: que algumas vidas são vistas com menos valor, “são consideradas menos relevantes” (DEMETRI, 2018, p. 17).

Judith Butler, ao tomar como exemplo a guerra, denuncia em seus textos as condições sociais de desvalorização às quais são vítimas determinadas vidas, cuja morte não é chorada porque sequer são consideradas como vidas. Ao realizar essa aproximação, Demetri busca desenvolver uma estreita relação entre a concepção butleriana e o atual cenário brasileiro, revelando uma preocupação urgente: “a gestão das vidas consideradas com pouco valor” (DEMETRI, 2018, p. 18). Nessa perspectiva, nada mais assertivo que o conceito de vulnerabilidade como base para esta reflexão.

Demetri chama a atenção para o entendimento de vulnerabilidade como algo inerente às populações mencionadas, e afirma que tratar a vulnerabilidade como

pressuposto não questionado, “difícilmente terá resultados positivos em qualquer campo de estudos” (DEMETRI, 2018, p. 19). Nesse viés, para Judith Butler, pensar vulnerabilidade só faz sentido se pensarmos em resistência. Aprofundar essa perspectiva é, como percebemos, um dos objetivos da presente obra resenhada.

Na parte I do livro, o autor demarca a correspondência entre vulnerabilidade e corpo no pensamento da filósofa. Para Judith Butler, o corpo é figura central no desenvolvimento da ideia de vulnerabilidade, seguindo o ponto de vista pós-estruturalista através do qual busca-se entender o corpo “no seu aspecto relacional, histórico, temporal, aberto, dependente, subordinado, subversivo” (DEMETRI, 2018, p. 35). Butler afasta-se, assim, de uma compreensão de corpo como essencialmente vulnerável, precário. Segundo Demetri, a filósofa articula essa discussão como resposta à sua rejeição à ideia de corpo como “superfície de inscrição”. De forma concisa, em suas reflexões sobre corpo, Judith Butler caminha por diversos campos, na fenomenologia, por exemplo, dialoga com a teoria merleau-pontyniana de quem a filósofa extrai a ideia de corpo como um constante materializar-se, no sentido de que não há uma essência. Nas palavras de Demetri, “o corpo não carrega um sentido inerente, mas somente o faz mediante de um conjunto específico de disposições numa dada cultura” (DEMETRI, 2018, p. 38); o que contribui também para as reflexões da filósofa sobre a questão de gênero, que lhe garantiu reconhecimento internacional.

Para Judith Butler, não é possível pensar o corpo sem uma dependência a um conjunto de relações e discursos. Desse modo, evidencia-se no livro uma preocupação do autor em transmitir as críticas e aproximações de Butler a autores que discorrem sobre essas questões, entre eles destacam-se a concepção foucaultiana de gênero e sexualidade. Nessa perspectiva, o sexo, assim como o gênero, deve ser compreendido como uma construção cultural. O que Butler propõe, segundo Demetri, é abandonar o pressuposto de sujeito definido da metafísica; o sujeito, o corpo, o sexo e o gênero são construídos em processos sócio históricos por aquilo que a filósofa chama de “uma constante materialização”.

Nessa lógica, Butler desenvolve sua teoria do sujeito a partir de uma análise sobre a ideia de poder. Em *The psychc life of power* (1997), a filósofa afirma que a sujeição é um processo de, ao mesmo tempo, tornar-se subordinado ao poder como de se tornar sujeito. Ao longo do capítulo, Demetri resgata a concepção butleriana em que o poder é algo que nos precede e com o qual possuímos uma relação de dependência. O sujeito nessa visão (de origem foucaultiana) é também posterior ao poder, pois se configura como uma espécie de produto das relações de poder, reafirmando a teorização da filósofa americana: o poder tanto possibilita a existência do sujeito como “continua se reiterando na própria existência do sujeito” (DEMETRI, 2018, p. 67).

Dando sequência à leitura, Demetri demarca outros pontos discutidos por Butler em sua obra, como a questão da normatividade. A norma é responsável por produzir um campo de inteligibilidade que regula quais sujeitos serão reconhecidos, de modo que não há sujeitos fora dos regimes de inteligibilidade socialmente em vigor, pois ele só adquire existência em “um mundo de regras e normas que lhe é anterior” (DEMETRI, 2018, p. 56). Butler defende então que se deve ampliar os limites da inteligibilidade, para que mais vidas possam ser apreendidas como vidas que importam, que são passíveis de luto e cuja perda tem importância.

Percebemos assim a interlocução entre normatividade e vulnerabilidade evidenciada pelo autor, uma vez que, há uma vulnerabilidade em ser o que se é, em um mundo regulamentado por normas que não escolhemos. Nesse sentido, o ser é também vulnerável ao discurso e ao poder exercido no nível da linguagem; para a filósofa, um corpo se constitui e adquire existência social quando é reconhecido, e esse reconhecimento ocorre no discurso. A vulnerabilidade linguística, portanto, decorre de discursos de ódio sobre certos grupos. Neste sentido, para Demetri:

É nessa operação psíquico-normativa que Butler situa uma “agressão melancólica” direcionada aos infligidos com AIDS, gays, prostitutas, populações precárias em geral: se eles já estão “mortos”, é lícito matá-los novamente, retirá-los completamente da cena social. É nesse sentido que podemos talvez entender o desejo de reconhecimento de certos grupos precarizados: esse desejo não é propriamente um “amor às suas amarras”, um desejo pela subordinação, mas a própria possibilidade de existência no fluxo de inteligibilidade social que garante, em última análise, uma existência material. (DEMETRI, 2018, p. 72)

O texto evidencia essa interlocução entre corpo e discurso, de modo que não existe corpo fora do discurso. Assim, compreendemos que a vulnerabilidade linguística não se distânciava da vulnerabilidade física, uma vez que fala e corpo são inseparáveis. O ato de falar não existe sem um corpo; e o sujeito, por sua vez, só existe mediante um reconhecimento que se dá através do discurso, de forma que não há sujeito anterior à interpelação. Judith Butler busca, por meio de sua teoria, questionar os regimes de inteligibilidade que regulam quais vidas são reconhecidas e quais não são reconhecidas socialmente, sendo que estas, por essa razão, não são choradas, não são enlutadas, e cujo desaparecimento não é relevante.

Demetri explicita em um “Entreato” de dez páginas o novo engajamento da filósofa após o atentado de 11 de setembro, a partir do qual ela busca relacionar de forma mais acentuada a questão da vulnerabilidade às concepções de precariedade, luto e enquadramento. Nessa perspectiva, Butler constrói seu discurso sobre a guerra e sobre quem conta ou não como vida humana, resultando em uma das principais obras da filósofa americana: *Prearious Life* (2004).

Nessa mesma linha, a segunda parte do livro busca caracterizar o contorno político que dá forma às obras da filósofa escritas após os ataques de onze de setembro. Judith Butler reflete sobre a forma como determinadas populações são mais expostas à violência que outras, e questiona sobre o que possibilita que uma vida seja enlutada, uma vez que é o luto, a capacidade de enlutar, que unifica uma comunidade política em que corpos socialmente construídos estão a todo momento vulneráveis à violência.

Para a filósofa, a violência explora a vulnerabilidade de alguns, no caso da guerra, por exemplo, uma das estratégias usadas para se proteger da violência é o repúdio à vulnerabilidade. Os países cuja população se apresenta mais vulnerável estão mais expostos à violência; por isso, segundo a filósofa, países como os EUA se esforçam para afirmar sua soberania. Butler defende que vulnerabilidade é também dependente do reconhecimento; vida precária é aquela que foge do que é reconhecido como vida (a autora cita como exemplo os prisioneiros de Guantánamo); as vidas não são choradas, não são enlutadas, porque, desde seu nascimento, sequer contam como vidas. A própria formação do sujeito está entregue às normas e regulações que condicionam quais

corpos serão reconhecidos. E essas normas, por sua vez, concebem um valor desigual a determinadas vidas. Demetri dialoga com a filósofa nesse sentido ao trazer essas questões para refletirmos sobre o que ele nomeia como a “nossa guerra”, a guerra do tráfico, na qual vidas são perdidas no anonimato, frente aos mecanismos normativos que operam para uma aceitação social.

Através do livro percebemos que as reflexões de Butler sobre a concepção de vulnerabilidade ganham um novo desfecho ao decorrer de suas obras, passando a ser tratada não apenas como uma abertura do sujeito às normas, mas “como algo próprio do corpo” (DEMETRI, 2018, p. 139). Para Butler, todo corpo é vulnerável pois todos somos vidas precárias. O problema, no entanto, não é a questão da vulnerabilidade, característica intrínseca da vida, uma vez que segundo a filósofa, qualquer vida depende de condições que a precedem. O que Butler questiona é a forma desigual pela qual essas condições são distribuídas, possibilitando maiores chances de vida a alguns e maior exposição ao perigo a outros. Por fim, Demetri argumenta que para Butler a questão principal não é incluir mais vidas nessa “categoria” do humano, mas pensar outros modos de se apreender uma vida que não tenha como pressuposto a exclusão de outras.

Trazer tais reflexões para o cenário atual de nosso país, como o fez Demetri, possibilita-nos pensar em estratégias de resistência, em novos termos de aparição e reivindicação por reconhecimento. O livro, portanto, se configura não apenas como um ensaio sobre os conceitos e a obra da filósofa americana, mas como um convite a reflexões sobre a precarização de populações cada vez mais vulneráveis em nosso entorno, tendo em mente as palavras otimistas que encerram o texto e que nos cabem tão bem: “sempre há a possibilidade de submeter e resistir, mesmo quando os asseclas da lei insistem na inviolabilidade do comando” (DEMETRI, 2018, p. 188).

**Recebido em:** 14/Jan/2021 - **Aceito em:** 18/Mar/2021.